

“Ele está morto, mas não se quer deitar”

– Canção popular

Parte I

Capítulo I

A ideia ocorreu-me no dia em que fui buscar a minha dentadura nova.

Lembro-me bem daquela manhã. Levantara-me por volta das oito menos um quarto e chegara à casa de banho mesmo a tempo de fechar a porta na cara dos miúdos. Estava uma manhã de Janeiro horrenda, com um céu sujo, de tons cinzento-amarelados. Pela janelinha da casa de banho podia ver o relvado de dez metros por cinco, rodeado por uma sebe de alfena e com uma parte pelada ao centro, a que chamamos o nosso jardim traseiro. Há um jardim idêntico, com a mesma sebe e a mesma relva, em todas as casas de Ellesmere Road. A única diferença é a parte pelada ao centro, que não existe nas casas onde não há crianças.

Estava a tentar barbear-me com uma lâmina meio romba, enquanto a água corria na banheira. O meu rosto olhava-me do espelho, por baixo do qual, numa pequena prateleira acima do lavatório, dentro dum copo com água, estavam os dentes que correspondiam a essa cara. Tratava-se da dentadura provisória que o doutor Warner, o meu dentista, me havia dado enquanto a nova estava a ser feita. Não sou propriamente feio. Tenho uma daquelas caras cor de tijolo que costumam vir acompanhadas de uma tez cor de manteiga e olhos azuis-claros. Felizmente, não tenho cabelos brancos nem me tornei calvo, e quando usar a dentadura nova, é provável que não aparente a idade que tenho, quarenta e cinco anos.

Enquanto anotava mentalmente a urgência de comprar lâminas de barbear, entrei na banheira e comecei a ensaboar-me. Ensaboei

os braços (que são rechonchudos e sardentos até aos cotovelos), depois peguei na escova das costas e ensaboei as omoplatas, às quais, de outro modo, não consigo chegar. É uma maçada, mas há várias partes do meu corpo que actualmente já não consigo alcançar. A verdade é que tenho uma certa propensão para a obesidade. Não estou a dizer que sou uma dessas aberrações de feira popular. Peso pouco mais de noventa quilos, e da última vez que medi a minha cintura, o resultado foi um metro e vinte, ou vinte e dois, já não recorro ao certo. E não sou aquilo a que se costuma chamar um gordo “repugnante”, não tenho uma daquelas panças que descaem quase até aos joelhos. Acontece simplesmente que sou um bocadito barrigudo, com tendência a ganhar a forma dum barril. Estão a ver aquele tipo de gordo enérgico e robusto, de porte atlético, vigoroso, que costuma ser alcunhado de Bucha ou Gordalhaço e é sempre o centro e a alma de todas as festas? Sou eu. A mim, chamam-me sobretudo Bucha. Bucha Bowling. O meu nome verdadeiro é George Bowling.

Mas naquele momento eu não me sentia o centro e a alma da festa. E ocorreu-me que, nos últimos tempos, quase sempre me sentia meio rabugento ao acordar, apesar de dormir bem e não ter problemas de digestão. Eu sabia qual era o motivo, claro — a maldita dentadura postiça, que surgia ampliada dentro do copo com água e me sorria como os dentes duma caveira. É desagradável sentir as nossas gengivas a tocarem-se, uma sensação meio opressiva, de recuo, como quando mordemos uma maçã excessivamente ácida. Além disso, uma dentadura postiça, digam o que disserem, representa um marco divisório. Quando se vão os últimos dentes naturais, termina em definitivo a época em que podemos alimentar a ilusão de sermos uns galãs de Hollywood. De resto, eu era gordo e estava com quarenta e cinco anos. Enquanto me endireitava para ensaboar o entrepernas, não pude deixar de olhar para a minha figura. É um disparate dizer-se que os gordos não conseguem ver os pés, mas não deixa de ser verdade que, quando estou de pé, só consigo ver a metade dianteira dos meus. Enquanto ensaboava a barriga, pensei que nunca mais mulher alguma olharia para mim duas vezes, a não ser que lhe pagasse. Não é que naquele momento eu desejasse particularmente que alguma mulher olhasse para mim uma segunda vez.

Mas lembrei-me de que naquela manhã tinha razões para me sentir mais animado. Para começar, não ia trabalhar. O meu velho automóvel, com o qual “cubro” o meu sector (devo dizer que estou no negócio dos seguros; trabalho na Flying Salamander: vida, incêndios, roubo, gémeos, naufrágios — tudo), estava na oficina e, embora tivesse de passar pelo nosso escritório de Londres para deixar uns papéis, eu ia tirar o dia para ir buscar a dentadura nova. Além disso, havia uma outra questão que, nos últimos tempos, me bailava na mente. Essa questão era o facto de eu ter dezassete libras de que não havia falado a ninguém — ou seja, a ninguém da família. O que acontecera fora o seguinte. Um tipo da nossa firma, chamado Mellors, tinha arranjado um livro intitulado *A Astrologia Aplicada às Corridas de Cavalos*, no qual se provava que tudo dependia da influência dos planetas nas cores usadas pelo jóquei durante a prova. Bom, numa corrida qualquer havia uma égua, chamada *Corsair's Bride*, pela qual ninguém dava nada, mas o seu jóquei trajava de verde, que aparentemente era a cor certa para os planetas que se encontravam em ascensão naquele momento. O Mellors, que andava profundamente embrenhado nas coisas da astrologia, ia apostar umas libras naquela égua e implorou-me que fizesse o mesmo. Tanto insistiu que eu, sobretudo para o calar, decidi arriscar dez xelins, apesar de não ter por hábito jogar. E a égua, claro, ganhou a corrida. Já não me recordo ao certo quais eram as probabilidades, mas o certo é que ganhei dezassete libras. Movido por uma espécie de instinto — assaz bizarro, e que provavelmente indicava outro marco na minha vida —, depusitei o dinheiro no banco e não contei nada a ninguém. Nunca tinha feito nada do género. Se fosse um bom marido e um bom pai, tê-lo-ia gastado num vestido para a Hilda (a minha mulher) e em calçado para os miúdos. Mas após quinze anos a desempenhar o papel de bom marido e bom pai, começava a ficar farto disso.

Depois de me ter ensaboado de cima a baixo, senti-me melhor e deitei-me na banheira para pensar nas minhas dezassete libras e em como iria gastá-las. As alternativas, parecia-me, eram torrá-las com uma mulher durante um fim-de-semana ou ir gastando-as aos poucos em pequenas coisas, como charutos e uísques duplos. Acabara de abrir de novo a torneira da água quente, enquanto pensava em

mulheres e charutos, quando um ruído que lembrava o tropel duma manada de búfalos irrompeu nos dois degraus que conduziam à casa de banho. Eram os miúdos, claro. Ter duas crianças numa casa do tamanho da nossa é como querer meter um litro de cerveja numa caneca de quartilho. Ouvi um frenético bater de pés do outro lado da porta, seguido de um gemido agonizante.

“Papá! Preciso de ir aí!”

“Pois, mas não podes. Desanda!”

“Mas, papá! Estou a sofrer!”

“Vai sofrer para outro lado. Põe-te a andar. Estou a tomar banho.”

“Pa-pá! Preciso mesmo!”

Nada a fazer. Eu conhecia o sinal de alarme. A retrete fica na casa de banho — como não podia deixar de ser, numa casa como a nossa. Destapei o ralo da banheira e sequei-me o mais depressa possível. Quando abri a porta, o pequeno Billy — o meu mais novo, de sete anos — passou por mim a correr, esquivando-se ao calduço que tinha preparado para lhe dar. Só quando já estava praticamente vestido e à procura da gravata é que reparei que tinha ainda sabão no pescoço.

É muito desagradável sentir o pescoço cheio de sabão. Ficamos com uma sensação repugnante de estarmos todos pegajosos, e o mais estranho é que, por muito bem que o limpemos, depois de descobirmos que temos sabão no pescoço, sentimo-nos pegajosos o dia todo. Desci ao andar de baixo de mau humor e disposto a mostrar-me antipático.

A nossa sala de jantar, tal como todas as da rua, é uma divisão acanhada, com quatro metros e meio por três e meio, ou talvez quatro por três, e o aparador de carvalho japonês, com as duas licoreiras vazias e o porta-ovos em prata que a mãe da Hilda nos deu como prenda de casamento, não deixa espaço para muito mais. A Hilda estava carrancuda, por trás do bule, no seu estado habitual de inquietação e desânimo, porque lera no *News Chronicle* que o preço da manteiga ia subir, ou qualquer coisa assim. Não tinha ligado o aquecedor a gás e, embora as janelas estivessem fechadas, fazia um frio de rachar. Inclinei-me para o aquecedor e acendi-o com um fósforo, a bufar ruidosamente pelo nariz (inclinarmos deixa-nos sempre ofegantes), numa espécie de indirecta para a Hilda. Ela dirigiu-me aquele olhar

de viés que sempre me dedica quando acho que estou a fazer alguma extravagância.

A Hilda tem trinta e nove anos, e quando a conheci tinha todo o aspecto duma lebre. Ainda tem, mas agora está muito magra e mirrada, sempre com um ar cismático e preocupado, e quando se acha mais aflita do que o habitual, costuma postar-se de ombros encurvados e braços cruzados sobre o peito, como uma velha cigana diante duma fogueira. É uma daquelas pessoas cujo maior prazer na vida é prever desastres. Refiro-me, claro, a desastres triviais. Quanto a guerras, terremotos, pragas, fomes e revoluções, não lhes presta atenção. A manteiga está a subir, a conta do gás é enorme, as botas dos miúdos estão gastas, vem aí outra prestação do rádio — eis a litania da Hilda. Cheguei à conclusão de que ela extrai um claro prazer de se balançar para trás e para a frente com os braços cruzados, enquanto me diz com um ar soturno: “Mas, George, isto é muito *sério*. Não sei o que vai ser da nossa *vida*! Não sei onde vamos arranjar o dinheiro! Parece que não te dás conta da gravidade da situação!”, e por aí fora. Está absolutamente convencida de que vamos acabar num albergue de indigentes. O mais engraçado é que, se alguma vez chegarmos a tal, isso vai inquietá-la muito menos do que a mim, aliás, é até provável que ela aprecie a sensação de segurança do asilo.

Os miúdos já tinham descido para a sala, depois de se terem lavado e vestido a toda a velocidade, como fazem sempre que não têm a oportunidade de deixar alguém à porta da casa de banho. Quando cheguei à mesa de pequeno-almoço, eles já estavam embrenhados numa discussão do tipo, “Fizeste, sim!”, “Não fiz nada!”, “Isso é que fizeste!”, “Não, não fiz!”, que parecia que ia prolongar-se pelo resto da manhã, até que os mandei parar com aquilo. São apenas dois, o Billy, de sete anos, e a Lorna, que tem onze. Sinto por eles algo de peculiar. Na maior parte do tempo, mal os posso ver à frente. As suas conversas são simplesmente insuportáveis. Estão naquela fase, básica e enfadonha, na qual a cabeça duma criança gira unicamente em torno de coisas como réguas, estojos de lápis e quem tirou melhor nota a Francês. Noutros momentos, porém, sobretudo quando estão a dormir, os meus sentimentos tornam-se muito diferentes. Por vezes, naquelas noites de Verão em que ainda há luz, posto-me diante

do berço deles enquanto dormem, com as suas caras redondas e os seus cabelos cor de estopa, de um tom mais claro do que o meu, e sinto aquela convulsão nas entranhas de que fala a Bíblia. Nesses momentos, sinto que não sou mais do que uma espécie de vagem seca e sem préstimo, e que o meu único valimento foi ter trazido ao mundo estas duas criaturas e estar agora a criá-las. Mas isso só me ocorre de vez em quando. Na maior parte do tempo, a minha existência individual parece-me bastante importante; sinto-me ainda cheio de vida e com muitos bons momentos pela frente, e a ideia de ser uma espécie de vaca leiteira cuja missão se reduz a alimentar mulher e filhos não me atrai minimamente.

Não falámos muito ao pequeno-almoço. A Hilda estava entregue ao seu habitual “Não sei como é que vamos fazer!”, em parte por causa do preço da manteiga e em parte porque as férias do Natal estavam quase no fim e ainda devíamos cinco libras ao colégio dos miúdos, relativas ao primeiro período. Comi o meu ovo cozido e barrei uma fatia de pão com doce de laranja *Golden Crown*. A Hilda insiste em comprar esta mistela, que custa onze centavos o quilo e cujo rótulo nos diz, na letra mais pequena permitida por lei, que contém “certa proporção de sumo de fruta neutra”. Isto deu-me corda para começar a falar, no tom assaz irritante que por vezes tenho, das árvores de frutos neutros, perguntando a mim mesmo que aspecto teriam e em que países cresceriam, até que a Hilda acabou por se zangar comigo. Não porque se importe com as minhas críticas, mas apenas porque, de uma forma um pouco obscura, lhe parece imoral fazer gracejos à custa de algo em que se poupou dinheiro.

Deitei uma olhadela ao jornal, mas não havia grandes novidades. Em Espanha e na China, as pessoas andavam a matar-se umas às outras, como de costume; uma perna de mulher havia sido encontrada na sala de espera duma estação ferroviária; e o casamento do rei Zog estava por um fio. Finalmente, por volta das dez horas, mais cedo do que havia planeado, saí para a cidade. Os miúdos tinham ido brincar para um jardim público. Estava uma manhã gelada. Assim que pus o pé fora da porta, uma pérfida rajada de vento varreu-me o ponto do pescoço donde limpava o sabão, e fez-me sentir de repente como se as roupas me apertassem e tivesse o corpo todo pegajoso.